

## O ÍNDIO E O PIRATA

Encontro multidade – Sesc Pompéia – São Paulo – junho de 2014

Fabiane Morais Borges

Em uma entrevista para a revista Trip de 13/07/2012, quando é perguntado do porque os jovens indígenas não querem voltar para a aldeia quando vão para a cidade, Davi Kopenawa diz o seguinte:

“Pra nós o costume da cidade é muito forte, manipula nosso pensamento. A língua portuguesa é um veneno. É um veneno que entra na cabeça e faz esquecer a comunidade, mãe, pai... a cidade destrói o pensamento da comunidade. Aí não pensa mais como caçar, na aldeia, não pensa em nada. Índio novo só quer saber de celular, TV, CD, jogo, festa, carro, internet. Tudo isso manipula índio, pensamento dele fica na máquina. E caiu na máquina já era, não tem mais como retornar. Eu sei porque comigo quase foi assim”.

Aqui ele trata a cidade e a linguagem como vírus, como algo que vicia, como algo que infecta, que entra no cérebro e no corpo das pessoas e manipula, faz as pessoas esquecerem floresta, comunidade, aldeia, esquecer de toda a vida pregressa e “cair na máquina”. Do ponto de vista do Kopenawa a cidade já é por si só uma ilusão produzida sobre o cadáver das florestas, uma máquina de destruição da Terra e da alma. Sugere que essa artificialização do mundo tem um preço, que é o seu fim.

Mais abaixo o jornalista pergunta: Você falou da preocupação com o futuro do seu povo. E o futuro do homem que vive na cidade grande, como imagina que vai ser?

Ele vai morrer. A cidade é uma briga. Briga entre branco. Tão

roubando, não tem lugar pra trabalhar, o que comer... Vai começar a sofrer, a brigar, matar parente. E aí vai querer comprar pedaço da floresta, crescer pra cá. O costume do branco é esse faz já centenas de anos. Vai pensar: terra indígena é muito grande, vamos lá pegar. Aí vai vir trator, máquina pesada. Máquina vai vir como cobra grande que engole todo mundo. Não é só índio que vai morrer, não, todo brasileiro vai perder, destruição vai engolir todo mundo, passar aplainando a floresta. Não vai ter mais árvore, pássaro, água limpa, nada... a briga de vocês vai ser por água.

O fim do mundo, que é um dos temas do seu livro profético a “Queda do Céu”, é a preocupação premente de Kopenawa, que como um pajé da humanidade, tem ido pelo mundo para anunciar esse fim e propor um novo comportamento, através de uma tomada de consciência, ou melhor, tomada de inconsciência, já que oferece o xamanismo como proposta para compreensão da importância da floresta e dos seus espíritos. Das viagens de yakoana como motor que revela o que o “homem branco” não vê. Sempre cito aqui o Jeremy Narby, com seu excelente livro sobre “The Cosmic Serpent: DNA and the Origins of Knowledge” de 1998, que escreve sobre a experiência de conhecer através das ervas de poder, que escreveu por ocasião da sua pesquisa na Amazônia peruana com os índios Ashanikas.

No facebook do Eduardo Viveiros de Castro, nessa quarta feira (05/06/2014), ele faz o seguinte post:

“Índigenas modernos e alienígenas antigos encontraram-se hoje na Pedra do Arpoador. Alguns radicais do velho Leblon consentiram em se deslocar até à outra ponta da praia para uma meditação sobre a diferença entre a transformação do índio em pobre (ou "o progresso que já era") versus a transformação do pobre em índio (ou "a insurreição por vir"). Mais não digo”.

Fiquei pensando nesses dois pontos de vista, talvez por tê-los lido ao mesmo tempo. Viveiros de Castro, sem deixar sua ironia habitual aponta aqui duas linhas dessa discussão que nos interessa

muito, que é a diferença entre a transformação do índio em pobre (ou o progresso que já era) x a transformação do pobre em índio (ou a insurreição por vir).

Pensando na insurreição do porvir de Viveiros, do povo que falta em Deleuze, dos terráqueos em Latour, a resposta acima de Kopenawa quero problematizar um pouco a ideia de transformação de índio em pobre, ou o progresso que já era e a transformação do pobre em índio ou a insurreição do porvir.

A noção de “civilizar os índios” é antiga e perpassou os mais variados projetos da Igreja e do Estado, durante todos esses anos de colonização. Civilizar os índios significou por muito tempo, torná-lo branco, conivente com a lógica civil europeia, fazê-lo abandonar seus costumes atrasados e transformá-lo em humano. Suprimir sua linguagem e colocar a língua branca na sua boca. Trazê-lo para a lógica de estado-nação. Vemos aqui o vírus, a doença civilizatória que Kopenawa fala acima. Infectar o índio com uma doença chamada civilidade, com todos mecanismos que ela sustenta, língua, sedução, conforto, consumo. Nos anos 1970, quando a Amazônia se tornava o foco do progresso, essas questões foram amplamente discutidas. Progresso, avanço, desenvolvimento. Quarenta anos depois o que se vê, com raras exceções, é a condição do índio pobre. Habitante da cidade, *quase sempre* em empregos subalternos, lutando para ser classe média, sofrendo preconceitos por sua raça, cor e cultura. “É o progresso que já era”. O “prematureo obsoleto”. O “natimorto”, que mal surge como promessa e já demonstra o fracasso do seu intento.

Já a transformação de pobre em índio (ou a “insurreição por vir) é uma afirmação que parece mais imbuída de algum sentido ecológico com profunda conexão com o momento atual, onde estamos prestes a assistir o fim da natureza. É uma alternativa ao antropoceno. E isso tem a ver com o retorno a algumas práticas abandonadas em nome da lógica civilizatória. Muitas dessas práticas ecológicas, ritualísticas, voltadas a conexão com a Terra vem sendo produzidas ao longo de todos esses anos. Alguns dizem que isso tem a ver com o hippismo dos anos 1960, ou o bum ecologista a partir dos anos 1970, eu diria que ali foi um início de alguma retomada, e que isso tem se estendido para as seguintes gerações.

Bruce Sterling, escritor de ficção científica cyberpunk, que tive o prazer de conhecer no Transmediale, publicou Ilhas na Rede, romance baseado num futuro próximo que diz da decadência dos sistemas políticos que vai perder o controle sobre as populações, e dessa forma vai florescer uma série de experiências comunitárias descentralizadas, corporações mantidas por funcionários, redes voltadas a piratarias de dados, retorno de comunidades urbanas para os campos, reconstrução

das florestas, pessoas que se negam a trabalhar e vivem só do que plantam e da pirataria, zonas anarquistas liberadas, e nesse bojo vem também inevitavelmente todo tipo de outras multitudes, algumas mais radicais, outras mais fascistas.

Apesar de termos Estados muito forte e indústrias globais conectadas entre si que controlam, comandam nossas mentes e corações, manipulam nossas plataformas de subjetivação, produzem design das nossas formas de nos comunicar, existe alguns intentos que apontam para essa insurgência do porvir, que tem a ver com a técnica, mas também tem a ver com o xamanismo, ou seja, com o máximo da racionalidade e o máximo da experiência de inconscientização, ao mesmo tempo. Podemos sim chamar isso de experiências de tecnoxamanismo.

Quero tentar aproximar um pouquinho a ideia do Pirata e do Índio.

O que Peter Sunde (Suécia) tem a ver com Davi Kopenawa Amazônia?

Começemos pelos seus lugares, o primeiro mora na Suécia, um país desenvolvido, onde o vírus da civilidade constituiu um dos seus poderes máximos!! É uma das cidades onde o vírus civilizatório chega quase ao seu cume, a sua perfeição. Amazônia é ainda floresta, com partes ainda intocadas pelo homem branco, e grande parte dela subsidia com matéria-prima, a primeira. A sustentação da Suécia depende da destruição da Amazônia.

Peter Sunde é o pirata, do Piratebay – O maior tracker BitTorrent da galáxia. Foi criado pela organização anticopyright sueca Piratbyrån no começo de 2004, mas desde outubro de 2004 se tornou uma organização independente. É uma plataforma que sustenta 50% da troca de informações e conhecimento do mundo, inclusive as informações do wikileaks, cujos heróis também estão foragidos, ou presos, ou vigiados. Em 2 de fevereiro de 2011, o WikiLeaks foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz, pelo parlamentar norueguês Snorre Valen. O autor da proposta disse que o WikiLeaks é "uma das contribuições mais importantes para a liberdade de expressão e transparência" no século XXI. "Ao divulgar informações sobre corrupção, violações dos direitos humanos e crimes de guerra, o WikiLeaks é um candidato natural ao Prêmio Nobel da Paz", acrescentou. Julian Assange foi contido por causa disso, e todos acompanhamos a história do seu processo jurídico. Esta semana Peter Sunde foi preso na Suécia, depois de 8 anos de negociações, apreensões, fugas, dribles na justiça, ele foi pego essa semana, acusado de ir contra a propriedade intelectual, acusado de pirataria, e pirataria é crime pela justiça.

Peter Lamborn fala no Utopias Piratas sobre as utopias dos piratas, fala das repúblicas livres, delgadas do comando europeu, das discussões democráticas e até violentas, da miscigenação absoluta, das dádivas e das agressões que aconteciam por exemplo na República de Salé depois do século XIII. Os piratas foram retratados na história como pessoas sem escrúpulos, sem princípios, que roubam para seu próprio enriquecimento, entre outras coisas, mas existia todo o tipo de piratas, e todo tipo de códigos dentro dos navios. Cada navio tinha seu código ético que tinha que ser seguido para que o navio funcionasse. Uma das curiosidades por ex. é que alguns navios tinha eleições para capitão, nem todos, mas alguns documentos foram encontrados nesse sentido (teoria de Peter Lambor, Utopias Piratas (1995).

Os piratas de hoje, para além dos vendedores ambulantes, e alguns navios da Somália, são principalmente os hackers. Então estamos falando do Piratebay, dessa república de piratas do século XXI.

Sobre o Kopenawa o índio, ele é o guardião da floresta, alguém que dedica sua vida a proteger o seu povo que vive na floresta Amazônica, que teme pela destruição da mata, dos povos da floresta e por fim do mundo. No seu livro A Queda do Céu (ainda não publicado no Brasil), ele lança a profecia Yanomami sobre o fim do mundo, alertando que se não houver uma mudança radical de comportamento civilizatório, a Terra não dará conta de sustentar a vida humana sobre a Terra. Está engajado em falar para muitos povos em muitos países diferentes sobre a importância da reconexão com a natureza, e a compreensão da pajelância, o espírito da floresta.

O que esse pirata e esse índio tem em comum?

Ontem saí pelos corredores do sesc perguntando pra amigos e conhecidos essa relação, saí com 4 pontos levantados.

-1 – Eles tem o **mesmo inimigo – que são as corporações que se querem donas do mundo**, querem homogenizar e controlar com seu vício citadino todos os humanos, e o preço desse super controle e desenvolvimento excessivo é sua utopia particular, um mundo homogêneo, sem natureza, onde a água será cada vez mais cara, e a venda do ar já está prevista. Vocês viram o milionário chinês chamado Chen que vende ar enlatado? Ele anunciou em agosto de 2012 que nos próximos anos vai colocar pelas ruas de Pequim, Xangai e Guanzhou tendas ambulantes para vender ar enlatado. Esse ar vai ser tirado de pequenas províncias onde o ar não está tão contaminado como Qinhai, Tibete e Yunnan. A lata vai custar por enquanto cerca de 1,20 reais, mas a ideia apesar de

ser uma intervenção urbana ecológica, é seríssima e aponta para os próximos passos da indústria do futuro.

A tensão continua sendo de valores. A grande questão é que mundo a gente quer viver? Esses senhores do antropoceno se interessam em fazer mais capital com a destruição da natureza e da Terra, de modo que se tudo for acabando, eles continuarão com o monopólio do dinheiro, da cultura, do consumo, e farão do fim do mundo uma ótima oportunidade para seus negócios.

No documentário do The Piratebay “TPB AFK – 2013”, quando a jornalista pergunta para Peter Sunde sobre o que ele tinha a dizer em relação a ser acusado de violação dos direitos autorais, de pirataria ele responde, é hora de discutirmos que tipo de mundo queremos viver, um mundo de conhecimentos livres e abertos, ou um mundo de cultura fechada com alguns poucos tendo direito sobre ela, e todos os outros sendo consumidores. Ele falou isso enquanto estava sendo julgado e condenado. Ele apela para a questão da escolha de mundo. Da luta de valores. Que mundo queremos viver?

O acesso a cultura representa o conhecimento distribuído. É um choque para a indústria, quando suas fórmulas farmacêuticas, seus filmes de Hollywood, seus segredos científicos, seus laboratórios especializados, estão sendo disseminados pela internet. Isso tira deles o monopólio do conhecimento sobre essa área e o poder sobre a produção de artifícios de consumo, já que com os segredos, as pessoas podem fabricar por elas próprias e tomar outros rumos. É a grande revolução tecnológica.

Eu pergunto, como pode que os criadores dessa república de piratas, o piratebay, ainda esteja no ar, sendo que seus criadores estão presos ou foragidos? Porque a indústria, os advogados que representam as indústrias mais poderosas do mundo, não conseguem destruir essa república de piratas? Essa é uma ideia muito interessante sobre multidão, quando uma plataforma é tão disseminada, que o conteúdo está no computador de todos que a utilizam, seria necessário colocar na prisão milhões de usuários.

Essa luta está em pleno processo e não sabemos quem sairá ileso ou quem irá ser silenciado, mas a luta é de hacker contra hacker. Uns trabalhando por ideologia de liberdade, outros por salário e vontade de poder.

2 - Esses piratas e esses índios estão lutando por **territórios**. Os primeiros por territórios da internet,

territórios virtuais, mas totalmente reais, que estão sendo monopolizados por empresas de grande porte como o facebook, o google, os sistemas de controle, entre outros. Querem um território livre, onde o conhecimento seja acessível e compartilhável, que não se tenha posse da produção de conhecimento humano. O índio luta pelo pulmão da Terra, pela Amazônia, pela possibilidade de um mundo com matas, plantas, espíritos da matéria que circulam livres por entre rios limpos, águas potáveis, animais soltos. Ambos atuam num projeto de territorialização e desterritorialização, resistindo ao super controle.

3- Piratas e índios estão lutando por **vida comunitária**, possibilidade de construção de **existências autônomas**, sem invasão ou interferência do Estado ou dos sistemas de controle, onde se possa usufruir do acesso aos seus interesse de forma livre.

4- ambos estão **cercados**, presos, confinados em espaços cada vez menores vendo seus modos de existência serem destruídos pela sagacidade do controle. Se veem acuados, presos, mortos, perseguidos, cometendo suicídio em cada vez mais número. Isso me remete totalmente a idade média, onde os hereges são perseguidos pela igreja, e veem seus planos de autonomia enlaçados na estratégia violenta da Igreja/Estado. Este cerco representa o anúncio do fim do mundo, do fim da liberdade de comunicação, e cada um a seu modo utiliza suas estratégias técnicas ou xamânicas para impedir o avanço das tropas do capitalismo, este sim selvagem.

Por último falo do tecnoxamanismo, que seria a junção dessas duas pontas, que como já vimos, tem algumas coisas em comum.

O tecnoxamanismo seria então a necessidade e o desejo de preservação da natureza, assim como do planeta, a partir de um processo de inconscientização, onde a linguagem da terra seja possível de ser ouvida. Trata-se da fabricação de um novo híbrido, pra além de homem e máquina, ou criação de ciborgues, mas de tribos conectadas em rede com a inteligência e força da matéria, do cosmos, do conhecimento das plantas, do segredo da vida, ao mesmo tempo em que domina autonomamente seus meios de produção, produção de tecnologia, de ciência, de cultura, de informação, de medicamentos, de conhecimentos em geral. Uma nova tecnologia, menor, menos autoritária, mais distribuída, construída a partir de valores mais terrestres, mais conectados com as outras formas de vida para além da humana. É a reversão ontológica que Viveiros nos diz. É a transformação de nossa perspectiva antropocêntrica em algo mais interessante. Isso é uma aposta, e uma conquista.

Mostro agora um pequeno material que fizemos no I Festival Internacional de Tecnoxamanismo,

onde conseguimos juntar hackers, artistas, ecologistas e índios, e tentamos, “sem tanto sucesso assim”, criar uma zona (tribo) temporária livre, para pensar e experimentar com profundidade, o tipo de mundo que queremos, ou a “insurreição por vir”, com toda a diversidade que nos seja possível, de flora, fauna, florestas, comunidades, gêneros, ficções.

Aqui alguns links - <http://catahistorias.wordpress.com/2014/02/15/festival-de-tecnoxamanismo/>